Importância da imagem na oração

A partir da segunda metade do século XX podemos dizer que estamos vivendo na civilização da **imagem**. Hoje, dada a proliferação midiática e os formatos icônicos das tecnologias informáticas que todos usamos habitualmente, a imagem adquiriu um valor significativo. Alguns autores falam já de “sociedades icônicas” e há quem se atreve a afirmar que a imagem parece converter-se em definição do ser social.

A **imagem** é um elemento chave no conhecimento humano: pensamos com imagens mentais que procuramos expressar com as linguagens que conhecemos ou dominamos. A imagem constitui uma forma de ordenação e de representação da realidade cotidiana: é um dos múltiplos sistemas de representação da realidade sensível.

Para os jovens nascidos a partir do ano 2000 a **palavra** perdeu importância frente à imagem. Encontramo-nos com estudos psicológicos e sociológicos que nos falam da importância da imagem nos meios de comunicação social. Há quem afirma que nossa sociedade é mais icônica que verbal; parece que a palavra escrita impacta menos nas novas gerações que uma imagem, um fotograma.

Talvez por isso, hoje, mais que nunca, a **contemplação** é um caminho muito válido para que o ser humano do século XXI possam chegar à identificação e seguimento de Jesus Cristo que S. Inácio desejava para o exercitante. A **imagem** que brota das profundezas do ser, que se enche de afetos, cores, sensações, permanece no coração e na mente do orante com mais força que uma meditação discursiva. Converte-se em dinamizadora e geradora de condutas similares àquelas que foram contempladas.

O essencial da oração é que o conhecimento de Jesus Cristo se transforme em união com Ele. Isto é o que busca a pessoa orante: chegar à união com Deus.

Aqui surge a pergunta: a **imaginação** ajuda ou estorva para conseguir esta união com Deus? S. Inácio nos dá uma resposta, animando-nos, “movendo-nos” a entrar inteiramente no mistério de Deus, imaginação incluída, cuja ambivalência ele já tinha experimentado.

A contemplação não é um sonho imaginário, não é uma oração imaginária, senão que é uma oração que integra a imaginação, a capacidade de imaginar do ser humano para integrar na própria vida, a vida de Jesus Cristo e em seus próprios afetos, os afetos d’Ele.

Segundo o Pe. Kolvenbach, a “imaginação confere àquele que contempla” a capacidade para transformar-se em evangelho, para sentir na cena evangélica o “mistério” de Cristo e para revestir-se d’Ele sendo ator no presente atual do Senhor.

A oração contemplativa não é uma oração imaginativa sobre qualquer coisa ou realidade, senão que utiliza a imaginação para contemplar os “*mistérios da vida de Jesus*” que nos são narrados pelos evangelhos.

Ao ativar a imaginação projeta-se o inconsciente ajudando a assumir e transformar as imagens que podem nos distorcer e dispersar.

A **imaginação** constrói imagens e símbolos que levam o orante a ser ator no mistério de Cristo que contempla, “*como se estivesse presente*” (EE 114). Isto faz com que a contemplação inaciana seja uma imersão na vida de Cristo, convertendo-o em partícipe de sua vida hoje, tirando-o de si mesmo e levando-o ao encontro com o Senhor da vida e da história.

S. Inácio quer que a pessoa inteira entre no mistério de Deus e isto não é possível se ela deixa fora a imaginação, já que esta sempre acode ao encontro do silêncio e da serenidade da alma. Por isso é necessário incorporá-la ao encontro.

Não podemos esquecer que a imaginação é ambivalente e pode nos levar por caminhos enganosos, como o mesmo S. Inácio experimentou em sua vida, e como no-lo recorda nas regras de discernimento (EE 314).

É importante ter em conta que quando S. Inácio nos convida a ver com a imaginação, faz referência aos sentidos espirituais; não se trata de fantasiar, de deixar-nos levar por fantasmas, mas de assegurar o sentimento de uma presença do Evangelho em nossa vida atual. Não se trata de fazer grandes esforços imaginativos, mas de usar a imaginação para canalizar, centrar nossa afetividade. Não esqueçamos que o que a contemplação busca é o “*conhecimento interno do Senhor*”.

A **contemplação** é uma experiência de assombro, surpresa e comunhão: “*pouco a pouco, aquele que contempla fica assombrado e afetado pela divindade, manifestada na sensível humanidade. Sua humanidade vai ocupando o centro da contemplação. Os detalhes, às vezes, são importantes e outras vezes são simplesmente apoios, relativos e funcionais, dos quais a pessoa se encontra simplesmente capturada para ‘pôr-se a si mesma vendo’, para fazer-se presente e poder entrar em comunhão com o*

mistério sensível de Deus. Permanece o essencial: os sentimentos de Jesus, sua situação física ou moral, o sentido de sua vida como Palavra de Deus” (Arzubialdi).

À medida que se avança na contemplação a imagem, a cena, vai passando pouco a pouco, suavemente, a segundo plano, vai se debilitando e o Senhor vai adquirindo todo o protagonismo na pessoa do exercitante; já não é tão importante “o que se vê” com a vista imaginativa como as *moções* que são sentidas e experimentadas no mais profundo. No fim, fica gravada a “pegada” da passagem de Deus que sempre sai ao encontro daqueles que o buscam com coração sincero.

(cf. Maria Luz de la Hormaza - La contemplación ignaciana, camino de encuentro –

Manresa

vol 81(2009) pp 116-118)

Quais são os critérios para que façamos bom uso dos meios imaginativos humanos? Pe. Kolvenbach opõe a “*imagem-espelho*” à “*imagem-ícone*”. É certo que o Deus inefável, a quem nenhuma imagem pode representar com figuras e formas humanas, é sempre maior que nossos ídolos narcisistas.

A imagem-ícone transparenta a Jesus, quem, por sua vez, irradia a luz de Deus. A imagem não substitui a Deus, encarna a experiência existencial “do Deus a quem não abarcamos, senão que é Ele que nos abarca”. A imaginação confere àquele que contempla capacidade para transformar-se em evangelho, para sentir na cena evangélica o mistério de Cristo e para revestir-se d’Ele sendo ator em presente atual do Senhor.

Te atreves a imaginar?

Há pessoas que têm medo de usar a **imaginação** para pensar o futuro. Por que? É certo que a palavra “**imaginação**” pode despertar conotações suspeitosas: pensa-se dela como “coisa de criança”, ou “a louca da casa” e que “levanta castelos no ar”, como se viesse perturbar o trabalho da sisuda e sempre séria razão. Há uma crença, mais ou menos consensual, de que a maturidade e a sensatez têm a ver com a atenuação da fantasia, coisa que, além de ser falsa, revela-se uma perda irreparável.

Mas, privar-se da imaginação e de sua prima a fantasia supõe trancar o cadeado para a criatividade e esquecer o plano que nos indicava como chegar à ilha da fecundidade. Porque, na realidade, a imaginação é a autêntica ilha do tesouro, a matriz oculta da realidade, a faísca que acende o amor que não se cansa, a que proporciona a audácia para mudar a água em vinho...

Só a partir da imaginação humana podemos desmascarar a achatada materialidade cujas raízes buscam afogar o coração do mundo. Graham Greene acertou ao afirmar que “o ódio é *um fracasso da imaginação*” porque não há nada tão cansativo e monótono como alimentar doentios rancores. Através de escondidos becos e adormecidas possibilidades, a imaginação da a mão ao amor e o faz surpreendente, atrevido, valente, duradouro, sempre novo.

Por isso é decisivo que reguemos e cultivemos com mimo nossas **imagens interiores**, algo tão vital como o comer e o dormir, e que opomos à aridez da atitude que com frequência nos rodeia, porque tem o poder de converter em fonte de abundância ou, pelo contrário, em uma triste fábrica de ameaças e dificuldades.

Atrever-se a imaginar, como qualquer viagem, começa com a inquietude, mas termina com a saudade. E, além disso, não estamos sozinhos nisto; não esqueçamos que tudo o que existe para nós neste mundo começou porque Alguém imaginou isso primeiro. Então... te atreves?

Carlos del Valle, sj